



## **Espectáculos da memória: Oficina de teatro com idosos**

**Autora: Beatriz Pinto Venancio.**

Doutorado em Teatro. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Brasil.

Mestrado em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC/RJ, Brasil

Especialização em Arteterapia em educação e saúde. Universidade Cândido Mendes, UCAM, Brasil

**Eixo temático: Redes, participação, inclusão e apoio em relação aos idosos**

**Categoria: individual**

**País: Brasil**

Não é necessário consultar a literatura especializada para perceber que investigações e estudos sobre velhice têm crescido nos últimos anos. Pelos meios de comunicação é possível tomar conhecimento do envelhecimento da população mundial e de suas importantes repercussões nos campos social e econômico.

A moderna reflexão sobre velhice, nascida e elaborada nos países ricos e, posteriormente, estendida às outras nações, está relacionada aos problemas de aposentadoria e envelhecimento demográfico. Ou indo mais além, a gestão das idades e as relações entre gerações, nas sociedades contemporâneas desenvolvidas, foram radicalmente transformadas pelo efeito de vários fatores intimamente ligados: a economia de mercado, a proteção social e o aumento espetacular da duração média de vida (ATTIAS-DONFUT & ROSEN MAYR, 1994:19-20). Para além dos problemas surgidos com a longevidade da população, o desenvolvimento no campo da gerontologia, propiciando estudos comparativos e pesquisas sobre a diversidade e relatividade das formas de envelhecimento, contribuiu para reforçar o debate.

As Universidades e os projetos voltados para esta faixa etária têm colocado em pauta propostas inovadoras, promovendo a auto-estima dos idosos, lutando contra os preconceitos, incentivando a criação de conselhos e fóruns em nível municipal, estadual e federal para assessorar a administração pública. A Oficina de Teatro e Memória, coordenada por mim, insere-se neste contexto, propiciando a um grupo de idosos o repensar sobre suas vidas por meio da encenação de suas lembranças.

Há sete anos coordeno um grupo de teatro formado por sujeitos idosos, participantes de um Programa de Extensão da Universidade Federal Fluminense – UFF ESPAÇO AVANÇADO<sup>1</sup>. Além das lutas, reflexões e debates sobre a participação do idoso nesta sociedade tão desigual, a equipe do UFF ESPAÇO AVANÇADO, formada por docentes, discentes e profissionais de várias áreas, busca oportunizar experiências estéticas em diferentes linguagens, negadas anteriormente a estas pessoas, em um ambiente onde prevalece o respeito e a delicadeza.

A dramatização de memórias ou de fragmentos de vida de pessoas comuns está presente em alguns trabalhos de teatro comunitário. No entanto, diferem em diversos aspectos da proposta desenvolvida por mim. Geralmente, as pessoas ou os idosos colaboram com lembranças ou fatos de suas vidas, mas não participam do espetáculo. O modo de contar ao público e a escolha da forma de representar cabem exclusivamente ao grupo com formação especializada. O meu percurso tomou uma outra direção.

O trabalho que desenvolvo com a linguagem teatral situa-se no terreno do trabalho social e do teatro comunitário. O grupo teatral “A cena é nossa”, nome escolhido pelo grupo, não tem a intenção de formar atores, mas sim utilizar o teatro como um recurso na compreensão das subjetividades dos idosos a partir da encenação de suas lembranças.

Este processo, que deu origem a diferentes exercícios de registro dramático, tem apontado caminhos para a investigação e delineado o meu percurso pelos estudos de memória, teatro comunitário e a possibilidade da produção de uma dramaturgia breve de lembranças de pessoas comuns. O que denomino dramaturgia breve de lembranças refere-se ao produto de um trabalho coletivo com não-atores que, utilizando a linguagem teatral e recursos de escrita dramática, criaram um outro canal de comunicação para expressar as suas memórias.

As oficinas são divididas em duas partes: uma, contemplando exercícios direcionados para o processo performativo, o jogo, a improvisação e suas regras; e outra, abarcando a construção do texto e a preparação do espetáculo.



Foto 1 – Oficina

Se no início, tinha abordagens previamente escolhidas para dar suporte às oficinas, a continuidade do trabalho, durante estes anos, foi apontando alguns limites destes métodos e exigindo a criação de uma maneira própria de trabalhar com aquele grupo. Comecei a modificar os jogos e exercícios, muitas vezes por impossibilidade física dos participantes ou por não despertarem o desejo de jogar.

O interesse pelos relatos de memória e a perspectiva da criação de um arquivo que fosse utilizado nas oficinas, inicialmente como material de jogo e depois como conteúdo dos textos, foi ganhando terreno. Nesta perspectiva, os textos foram concebidos rigorosamente no processo de criação coletiva, com soluções cênicas surgidas das improvisações. A liberdade de apropriação do discurso sobre si mesmo e sobre o mundo, presentes nas improvisações, reconhecia aos participantes o direito de usar as palavras e o próprio corpo na forma que lhes convinha. Mais do que oferecer uma formação teatral, convidei estas pessoas, através da dramatização, a lançar um novo olhar sobre si mesmo, sobre seu entorno e sua criação artística. No entanto, ao mesmo tempo, o jogo teatral ajudava no processo de desinibição, de liberação da ludicidade, capacitando este grupo de não-atores a mostrar algum desempenho em cena, evitando a simples animação do texto, procurando pensar por meio da linguagem teatral e inventando um sistema de atuação vinculado ao processo criativo. E, neste momento, o trabalho de elucidação dos signos teatrais iniciava, permitindo ao grupo nomeá-los, conhecê-los e escolhê-los, jogando com eles.

Os jogos e exercícios são, portanto, provocadores da memória do grupo. Destas provocações surgem relatos de lembranças que são transcritos por mim, gravados ou ainda desenhados pelos autores em papéis dos mais diferentes formatos, pomposos, rasgados ao meio, mil vezes dobrados, colocados discretamente em minhas mãos. E neles encontramos a grande mesa de refeições, espaço para cenas que evocam antigas brincadeiras, modos e maneiras exigidos por uma educação rígida, momentos de encontros familiares. Os quintais espaçosos trazem, para nosso pequeno espaço, velhas árvores frondosas, embaixo das quais se sentavam as avós e construía-se balanços. As idas e vindas aos quartos de infância, à rua, à escola transformam a memória em uma matéria elástica em que as reminiscências fragmentam-se em camadas superpostas, entrecruzadas, sem linearidade.

Durante o primeiro ano de trabalho, os relatos orais sobre o passado foram matéria nas improvisações, revistas e refeitas nas oficinas até o surgimento do texto final. Uma parte do tempo era reservada para o que chamei de tempestade de lembranças. Sem tema ou cronologia, criávamos uma espécie de caos organizado. A desconstrução destas lembranças, utilizadas como pano de fundo dos jogos, permitiu trabalhar com a memória de maneira lúdica e criativa. Ao mesmo tempo, fomos organizando o roteiro que serviu de base para os ensaios. Como em um quebra-cabeça do tempo, os fragmentos de vida foram embaralhados e rearranjados, ganhando um sentido. Nos ensaios, a repetição de alguns relatos que haviam surgido, inicialmente, na forma de desabafo emocionado, permitiu um

distanciamento do passado. Tristezas de umas ditas pela boca de outras foram adquirindo um tom cômico e debochado.



Foto 2 - Espetáculo “Que Deus o tenha!”

O texto, reorganizado e recriado incansavelmente nos quatro meses de ensaios, incorporou as contribuições individuais, como gestos, achados sonoros e ironias, relativizando a dor de outrora e trazendo o passado à cena, como um desejo de desforra. Cenas, aparentemente soltas no tempo, foram construindo um documentário de vida das mulheres, maioria no grupo, que, corajosamente, revelaram seus casamentos imperfeitos, apresentado no espetáculo “Que Deus o tenha!”

No segundo ano da Oficina, optei pela utilização do teatro-imagem, técnica de Augusto Boal<sup>2</sup>. O primeiro tema escolhido foi “família”. Foram criadas inúmeras imagens de família, revelando a diversidade de concepções de família, as transformações bruscas, muitas vezes ainda não assimiladas, as contradições nas escolhas entre as conquistas femininas e uma nostalgia da estabilidade. O segundo tema foi sobre o sonho profissional, o sonho não realizado. As imagens mostraram o desejo por profissões ligadas às artes e à comunicação (bailarina, jornalista, fotógrafa, cantora, pianista, dançarina de salão, atriz), enfim uma vida de exposição, indo de encontro ao mundo doméstico e recluso em que a maioria viveu. Quando pedimos a construção da imagem das imagens, a escolha recaiu sobre a profissão de atriz.



Foto 3 – Exercício imagens de família

O texto foi, então, fruto da experiência com as imagens criadas. A memória, neste momento, esteve presente nas imagens e nos relatos orais provocados pelas próprias imagens. Foi organizado um roteiro, a partir das improvisações, com a introdução de uma personagem principal, uma jovem dos anos 40, composta de múltiplos traços de cada uma delas. Seria ela a narradora de sua própria vida que

estaria dentro e fora da cena, contando a história de tantas outras moças que desejavam viver um mundo considerado como ambiente de glamour e fama, mostrada no espetáculo “O sonho de Glorinha”.

No terceiro ano decidi tentar outro caminho. Já havíamos experimentado o relato oral e a criação de imagens, transformando lembranças em imagens, imagens em mais lembranças, memória em ficção. Resolvemos trabalhar com pequenos textos de memórias escritas.



Foto 4 – Colagem com alguns textos escritos pelos participantes do grupo

Com o conjunto de textos fomos costurando uma temporalidade que abrigasse uma vida inteira. Ao misturar pedaços multiformes de vida, dispersos no tempo, para formar uma única existência, embaralhamos histórias e construímos, mais uma vez, um texto coletivo. Os fragmentos cênicos uniram-se não exatamente pela ação, mas por um eu central, um narrador de vários rostos que invadiu o palco para contar a sua vida de uma forma épico-lírica no espetáculo “Monólogos de muitas vidas”.



Foto 5 - Espetáculo “Monólogos de muitas vidas”

O quarto espetáculo, “Nós no tempo” reuniu lembranças da infância, da vida escolar e de momentos atuais, denunciando, com humor e ironia, os preconceitos e discriminações vividos pela pessoa idosa.



Foto 6 – Espetáculo “Nós no tempo”

O quinto espetáculo “Um boteco e sua história” trata dos acontecimentos políticos e culturais dos anos 60 e 70 e suas repercussões na vida das pessoas do grupo. O que estavam fazendo no momento do golpe de 64, dos festivais da Record, da conquista do tetra na copa do mundo? Em um cenário de bar, as histórias se cruzam e se misturam ao som de músicas da época cantadas pelos próprios atores.



Foto 7 – Espetáculo “Um boteco e suas histórias”

Nos dois últimos anos de trabalho, temos recolhido a história de vida dos participantes. Este arquivo está sendo construído com entrevistas gravadas com a história completa de cada sujeito. Ao final, peço que o próprio entrevistado selecione acontecimentos que gostaria de levar para as oficinas, como material para improvisações e construção do espetáculo. ANDANÇAS DE UM VIAJANTE, o último espetáculo, foi baseado na vida de um senhor que, por motivos de trabalho, viajou pelo interior do país, vivendo situações inusitadas. Neste processo de trabalho, a história de vida é compartilhada com o grupo para que todos conheçam o contexto e se aproximem daquela existência narrada. O entrevistado revela para o grupo os acontecimentos destacados por ele e, então, iniciamos os exercícios de oficina.

Unindo narração e contação, representação, música e trabalho corporal surgiu, enfim, o espetáculo ANDANÇAS DE UM VIAJANTE que, ao mesmo tempo conta a história de uma pessoa, comunica lembranças e brinca com a memória, mostrando, ao final, além da versão do autor da lembrança, uma “versão popular” de sua própria história, em forma de cordel. Como narradores e contadores de outros tempos, mostramos como bebemos na fonte de nossas próprias experiências ou de aventuras dos outros, transmitidas de boca em boca, para criarmos uma história de vida que é quase nossa e nunca exclusivamente nossa.

As apresentações nem sempre acontecem em espaços convencionais. Quando temos a oportunidade de estar em um teatro, é possível a utilização de recursos de iluminação e de um arranjo melhor no cenário. No entanto, vários são os convites para nos apresentarmos em salões, auditórios, lonas, shoppings e ambientes improvisados.



Foto 8 - Apresentação numa lona de circo



Foto 9 - Apresentação na praça de alimentação de um Shopping Center



Foto 10 - Apresentação no Teatro Municipal de Niterói

No palco, tablado ou simplesmente na frente ou no meio de uma platéia atenta e participante, utilizamos mesas e cadeiras, objetos fáceis de serem encontrados em qualquer lugar. O que interessa, particularmente, é a possibilidade de partilhar o longo trabalho de criação dos espetáculos. E em cada uma destas montagens habita um minucioso trabalho de relembrar e criar, de pensar sobre si mesmo e

representar, sem provocar um afastamento entre os dois atos. E neste gesto generoso de oferecer suas lembranças em forma de arte, uma relação de cumplicidade se estabelece entre o grupo e a platéia que nos assiste.

Apesar do jeito ainda amador de representar e da dramaturgia em estado quase bruto, características da ausência de formação especializada, o grupo cria um diálogo íntimo com a platéia.

A platéia que nos acompanha é formada, em sua maioria, por outros sujeitos idosos, freqüentadores de grupos de convivência (promovidos pelo SESC ou Prefeitura Municipal de Niterói). Presentes, também, sempre estão os parentes próximos das participantes do grupo, filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, além de amigos e pessoas da vizinhança. Três ou quatro gerações que se encontram para assistir a narração teatralizada de lembranças de velhos sujeitos. O conjunto destas reminiscências torna-se uma memória-diálogo, provocando e fazendo reascender outras histórias semelhantes, vividas num mesmo tempo e espaço por seus contemporâneos. Falando a mesma linguagem dos que estão assistindo, usando os recursos que conhecem, o grupo chega muito perto do público, fazendo-o se sentir em casa.



Foto 11 – Platéia do Teatro Municipal de Niterói

A recepção dos espetáculos revela, em alguns momentos, uma relação catártica com o público, fazendo-o se identificar e se emocionar com o que assiste. Por outro lado, faz renascer, junto com a platéia, a memória atualizada de vivências de uma geração. Além disso, cria, talvez de um modo enviesado, um tipo de intermezzo no que alguns sociólogos denominam de “memória comum”<sup>3</sup>.

Esta “memória comum”, formada a partir de um bombardeamento de informações veiculadas pelos meios de comunicação de massa, é caracterizada pela passividade generalizada dos indivíduos que a recebem, sem tempo suficiente para digeri-la, sem a oportunidade de associar o vivido e a memória representada, como se estivessem diante de um contínuo atualizador de imagens. O massacre de informações novas, ininterruptamente, provoca uma “memória saturada”, conforme assinalou Régine Robin. Saturação por uma colocação entre parênteses de um passado próximo, mas não pensado, não criticado, não decantado. Uma indiferenciação dos acontecimentos, uma ausência de triagem, uma



banalização da memória e, ao mesmo tempo, uma necessidade de estocar, arquivar<sup>4</sup>. Todos os acontecimentos mundiais são transmitidos, simultaneamente, pela televisão, pela Internet ou por outros meios de comunicação. Com a espetacularização dos fatos, a mídia faz com que o público seja atingido em suas emoções, sem tempo hábil para articular a significação afetiva e intelectual.

Contando histórias de suas histórias, nosso grupo tem convidado a platéia que nos assiste a se emocionar e, ao mesmo tempo, a pensar sobre suas vidas inscritas por costumes e hábitos de uma época determinada.

Reagindo aos estigmas da velhice, criou um outro canal de expressão para suas lembranças, abrindo novas vias de comunicação entre gerações e inventou uma maneira peculiar de falar sobre o passado.

Por fim, o grupo ainda aceitou um outro desafio. Participou e vem participando, pois a oficina continua, da busca de novas possibilidades para as pesquisas de registro de memórias e de teatro com não-atores, ampliando os debates nestas áreas do conhecimento. Enfim, a experiência nesta oficina tem mostrado a importância da utilização de linguagens artísticas em trabalhos sociais.

#### Notas

<sup>1</sup> Este programa é voltado para a população idosa de Niterói, é inteiramente gratuito, reúne professores e alunos de vários departamentos e está situado no prédio da Escola de Serviço Social.

<sup>2</sup> Augusto Boal, diretor, dramaturgo e criador do Teatro do Oprimido, é conhecido no mundo todo. Para ele, o Teatro do Oprimido “é um sistema de exercícios físicos, jogos estéticos, técnicas de imagem e improvisações especiais, que tem por objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação humana” (BOAL, 1996b: 28-9), ou seja, a vocação teatral que pertence a todos. A atividade teatral se constituiria num “instrumento eficaz na compreensão e na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais” (ibidem, 29).

<sup>3</sup> NAMER, Gérard. *Halbwachs et la mémoire sociale*. Paris: L’Harmattan, 2000, p. 239.

<sup>4</sup> ROBIN, Régine. *La mémoire saturée*. Paris: Éditions Stock, 2003, pp. 18-9.

#### Bibliografia:

AUZIAS, Claire. La mémoire est-elle disciplinaire? *Penélope*, Paris, n.12, p. 7-12, 1985.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. O arco-íris do desejo. Método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CARASSO, Jean-Gabriel. Le cheval a-t-il mangé le cavalier? *Les Cahiers Théâtre Education*, Paris, n. 11, 2002.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In BARROS, Myriam M. Lins de (org.) *Velhice ou terceira idade*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

NAMER, Gérard. Halbwachs et la mémoire sociale. Paris: L'Harmattan, 2000.

PEIXOTO, Fernando. O que é o teatro. São Paulo: Brasiliense, 1980.

POLLACK, Michail (1992) Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10 pp. 200-212

ROBIN, Régine. *La mémoire saturée*. Paris: Éditions Stock, 2003.

VANOYE, Francis; MOUCHON, Jean e SARRAZAC, Jean-Pierre. Pratiques de l'oral. Paris: Armand Colin, 1991